

Maria de Fátima Silva

Coordenação



topias
& Distopias

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO
Tipografia Lousanense, Lda.

EXECUÇÃO GRÁFICA
Tipografia Lousanense, Lda.

ISBN
978-989-8074-74-4

DEPÓSITO LEGAL
289002/09

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Maria de Fátima Silva
Coordenação

*U*topias
& Distopias

O BATALHÃO SAGRADO DE TEBAS, UMA UTOPIA PLATÓNICA?

Resumo: Esta comunicação pretende discutir o relato de Plutarco acerca do Batalhão Sagrado de Tebas, na medida em que este se define como uma utopia de natureza platónica, tal como o filósofo a propõe n' *O Banquete*. Concluímos, porém, que muito provavelmente foi Platão a reflectir sobre uma utopia homofílica a partir do que sabia acerca do batalhão tebano e não o relato acerca deste a derivar da proposta platónica.

Abstract: This paper's aim is to discuss Plutarch's passage about the Sacred Band of Thebes, since that passage is like an utopia, in Plato's *Symposium* perspective. We conclude, however, that probably was Plato that elaborated his homosexual utopia, based in what he knew about the Band of Thebes and not the opposite.

É na *Vida* de Pelópidas que Plutarco refere o Batalhão Sagrado (*hieros lokhos*) de Tebas. Segundo o autor grego, este corpo militar teria sido organizado por Górgidas, no primeiro quartel do século IV a.C., recorrendo a um grupo de trezentos homens, que haviam sido treinados e sustentados por Tebas, cidade da Beócia¹. O batalhão ter-se-ia instalado naquele território, na cidadela conhecida como Cadmeia. Mas a principal particularidade deste grupo de homens, a fazer fé em Plutarco, era o facto de ele ser constituído por amantes e amados ou *erastai* e *eromenoi*, na designação grega. Havia, contudo, uma razão pertinente para a estratégia militar que teria organizado a guarnição daquele modo: pondo um amante a lutar ao lado do respectivo amado, a força do combate teria um vigor duplicado, pois cada indivíduo combateria pelo que mais prezava. Essa seria pois uma coesão impossível de quebrar, distinta de qualquer eventual laço que se pudesse criar entre os apenas membros de um mesmo clã ou de uma mesma tribo²:

«O amor pelo amado e o temor de se mostrar indigno do amante fazem com que se mantenham firmes perante os perigos, para se defenderem uns aos outros.»³.

¹ PLU., *Pel.* 18-19. O Tema dos 300 parece ser tópico. Cf. episódio das Termópilas, em HDT. 7, 210-232.

² Cf. *Il.* 2, 363.

³ PLU., *Pel.* 18, 3.

Ainda segundo Plutarco, o Batalhão Sagrado de Tebas ter-se-ia mantido invencível até à batalha de Queroneia, momento em que teriam perecido os trezentos valorosos guerreiros e sobre quem Filipe da Macedónia terá dito:

«Malditos os que julgarem que estes homens fizeram algo de vergonhoso!»⁴.

No mesmo passo, Plutarco preocupa-se em justificar a natureza das relações amorosas que caracterizariam aquela que se poderia considerar uma instituição de referência, afirmando que não cabia a Laio, figura mitológica que na cultura grega é radicada em Tebas e associada à origem do homossexualismo, a culpa das práticas de natureza homoerótica que eram atribuídas aos Tebanos, tal como afirmavam os poetas. Mas sim aos próprios legisladores, que teriam permitido a introdução de tais práticas entre a juventude, de modo a amolecerem o carácter naturalmente violento dos naturais daquela região⁵. Assim se formulava, de acordo com as palavras do autor das *Vidas Paralelas*, o que de algum modo parece dar consistência a uma forma de organização cívico-militar de natureza utópica, em que os laços baseados na *erotike philia* favoreciam a coesão dos membros do grupo⁶. Como assinalámos, o êxito de tal organização derivaria do facto de aquele tipo de relação manter implicações de vária ordem, ao nível da manutenção dos combatentes enquanto grupo coeso: os guerreiros sentiam vergonha de serem vistos pelos seus amados a fazer algo entendido como sintoma de cobardia e a relação amorosa em causa suscitaria o ânimo aos homens envolvidos para que se sacrificassem pelos seus amados⁷.

Significativamente, Plutarco termina inclusive o relato em torno do Batalhão Sagrado de Tebas com um símile de tipo homérico, mas de sabor platónico (do *Fedro*, para sermos mais específicos):

«Tal como os cavalos são mais rápidos quando atrelados a um carro do que quando correm sós, não porque, dado o seu número, fendam o ar com maior ímpeto, mas porque a rivalidade e a competição recíprocas inflamam o seu ardor, também os bravos, quando inspiram mutuamente o desejo pelos grandes feitos, são mais eficazes e motivados a cumprir uma acção comum.»⁸.

O tema em causa, o dos guerreiros amantes, que sugere igualmente a ideia de tropa de elite, não é, todavia, uma originalidade dos textos de Plutarco. Na verdade, desde pelo menos a narrativa homérica em torno de Aquiles e Pátroclo, na *Iliada*, que, na cultura grega, se insinuam relações simultaneamente militares

⁴ PLU., *Pel.* 18, 7.

⁵ PLU., *Pel.* 19, 1.

⁶ Cf. J. DAVIDSON, *The Greeks and Greek Love. A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece* (London, 2007) 494. Como nota este autor: «“Erotik” links between soldiers in any Greek army might serve to intensify a general feeling of loyalty to one’s comrades by transforming it into a more vivid and personal devotion to one comrade in particular.». Sobre esta questão, ver ainda D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Classical Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (Newburyport, 1996) 107-168.

⁷ Sobre estas questões, ver J. DAVIDSON, *The Greeks and Greek Love. A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece*, (London, 2007), 494-495.

⁸ PLU., *Pel.* 19, 5; cf. PL., *Phd.* 246a-247e.

e erótico-amorosas⁹. A essa, podíamos acrescentar os episódios em torno de Teseu e Pírritoo ou acerca de Hércules e Hílas/Iolau, aliás também mencionados no passo plutarquiano, em que se desenha o mesmo tipo de insinuação relativamente a relação de natureza bélico-erótica¹⁰. A diferença substancial, em relação à notícia transmitida por Plutarco parece residir no facto de estas serem sobretudo informações de natureza mítico-ficcional, enquanto a que temos relativa ao Batalhão Sagrado de Tebas é assumida como histórica¹¹. Por outro lado, convém referir que este é um modelo que dá consistência à ideia que associa o homoerotismo/homossexualismo grego à cultura de extracto dórico¹².

Outro dado a assinalar, relativamente ao Batalhão Sagrado de Tebas, é o facto de este não ter sido apenas uma guarnição militar da cidade, mas «a mais visível imagem da *polis* como um colectivo único e indiviso»¹³, que tinha ainda como mais-valia o facto de a sua organização e composição ser perceptível por quem lutasse contra o corpo em causa. Este factor funcionaria como argumento psicológico suplementar para o fortalecimento da imagem da cidade, ao serviço de quem estava o Batalhão¹⁴.

A questão mais comumente colocada no âmbito desta problemática é a que se concentra em torno da factualidade dos elementos nela referidos. Teria o Batalhão Sagrado de Tebas realmente existido, tal como Plutarco conta? A maioria dos investigadores considera que o Batalhão terá tido existência real, ainda que não necessariamente nos termos em que Plutarco o refere. A existência de um pelotão de elite em Tebas, algum tempo antes, poderá ter servido de modelo à construção de uma imagem que seria sobretudo ideológica de um corpo militar com aquelas características¹⁵. Ao fazê-lo, a intenção seria dotar o relato com elementos que sugerissem uma formulação de natureza utópica, ao nível da representação e da sublimação, baseada na homofilia, enquanto proposta de organização cívica.

Mas, segundo Ogden, há que considerar as informações relativas a Élis, Mégara, Cálcis, Creta, Esparta e Macedónia, onde o homoerotismo, para não referir mesmo o homossexualismo, iniciático ou não, parece ter estado associado efectivamente à vivência militar, com mais frequência do que aparentemente se julga¹⁶.

⁹ Há imensa bibliografia acerca desta questão, pelo que referimos apenas alguns exemplos, como D.S. BARRETT, «The Friendship of Achilles and Patroclus», *CB* 54/1, 1977, 87-93; W.M. CLARKE, «Achilles and Patroclus in Love», *Hermes* 106, 1978, 381-396; F. BUFFIÈRE, *Eros adolescent: la pederasty dans la Grèce antique* (Paris, 1980), 97-99; S. MILLS, «Achilles, Patroclus and Parental Care in some Homeric Similes», *G&R* 47/1, 2000, 3-18.

¹⁰ Ver PLU., *Thes.* 30-31; APOLLOD., *Bib.* 2, 4, 11; A.R. 1, 1207-1210; THEOC. 13.

¹¹ O que, contudo, não é isento de polémica, como se pode verificar por D. LEITAO, «The Legend of the Sacred Band» in M.C. Nussbaum, J. Sihvola, eds., *The Sleep of Reason. Erotic Experience and Sexual Ethics in Ancient Greece and Rome* (Chicago/London, 2002), 143-169.

¹² J. DAVIDSON, *The Greeks and Greek Love. A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece* (London, 2007) 344, 360-380, onde se podem ler reflexões sobre outros casos de associação homoerotismo/ambiência militar. Cf. PL., *Ti.* frg. 144; *Lg.* 636ab; ARIST., *Pol.* 1272a;

¹³ J. DAVIDSON, *The Greeks and Greek Love. A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece* (London, 2007), 350.

¹⁴ Neste domínio coloca-se inclusivamente a hipótese de estes homens se armarem de forma semelhante ou, pelo menos, exibindo símbolos semelhantes.

¹⁵ D.S. 12, 70, 1. A historicidade deste corpo de intervenção baseia-se na associação a três batalhas: Tégira (375 a.C.), Leuctros (371 a.C.) e Queroneia (338 a.C.). Mas isto não significa que não pré-existisse.

Seja como for, o que está em causa nesta reflexão é a referência a um corpo militar de excelência que seria tido como quase invencível e, como tal, ideal e altamente desejável para a defesa de uma qualquer cidade. Sendo ainda de notar que o segredo dessa quase invencibilidade residiria no facto de os membros dessa tropa de elite estarem unidos dois a dois por laços erótico-amorosos.

Mas, o que neste contexto consideramos particularmente pertinente é o facto de o fenómeno que terá dado forma ao Batalhão Sagrado de Tebas, quer tenha sido um facto histórico, quer não tenha passado de uma lenda com reminiscências em eventuais factos reais, parecer ser evocado no *Banquete*, de Platão. Nesse texto, datado de c. 384-379 a.C.¹⁷, lemos o seguinte:

«Assim, se houvesse processo de constituir um Estado ou um exército só de amantes e de amados, que organização melhor poderia encontrar-se? Homens como estes, afeitos a repudiarem toda a espécie de vileza, a emularem entre si na hora e a exercitarem-se em pelepas uns com os outros, mesmo em pequeno número, seriam, por assim dizer, capazes de vencer o mundo inteiro! E a razão é que o amante aceitaria mais facilmente desertar das fileiras ou largar as armas à vista de qualquer outra pessoa do que do seu amado: na presença deste, preferiria mil vezes morrer! Quanto a deixar para trás o seu amado e não o socorrer em caso de perigo... não há homem nenhum tão fraco a quem o próprio Amor não inspire actos de bravura e não torne igual aos bravos por natureza. Em suma, o que diz Homero a respeito de alguns heróis, que o “deus lhes insufla coragem”, esse dom concede-o espontaneamente o Amor aos amantes. Mais ainda, apenas os que amam – e refiro-me não apenas aos homens mas às mulheres também – se dispõem a morrer por outrem.»¹⁸.

Como assinalaram já vários investigadores, é impossível não reconhecermos nas palavras de Platão o que Plutarco relata, alguns anos mais tarde, relativamente ao que teria ocorrido em Tebas. Na realidade, o próprio Xenofonte referiu a elite militar tebana, naquele que é considerado um passo paralelo deste excerto no texto que escreveu e a que foi dado precisamente o mesmo título¹⁹. Apesar dos argumentos que se têm esgrimido em torno desta questão, de que se destaca o de Dover e a hipótese de Platão ter composto o seu *O Banquete* antes da formação do Batalhão Sagrado de Tebas²⁰, Ogden mostrou que o mais provável é que a organização daquela força de elite remonte pelo menos a 424 a.C., pelo que é bem possível que tanto Platão como Xenofonte tivessem em mente o caso tebano²¹. A sugestão implícita de Dover,

¹⁶ Ver P. CARTLEDGE, «The Politics of Spartan Pederasty», *PCPhS* 27, 1981, 17-36; D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Ancient Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (London, 1996), 107-168; J. DAVIDSON, *The Greeks and Greek Love. A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece* (London, 2007), 315-343; D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Ancient Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (London, 1996) 107-168; X., *Lac.* 2, 12; PLU., *Moralia* 761c-d; AEL., *NA* 4, 1; THEOPOMP. HIST. *FGH* 115 F225a.

¹⁷ Sobre esta questão ver E. CRESPO GÜEMES, *El Banquete, de Platón* (Madrid, 2007).

¹⁸ PL., *Smp.* 178e-179b, em trad. M.T. Schiappa de Azevedo.

¹⁹ D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Ancient Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (London, 1996), 127; X., *Smp.* 8, 34.

²⁰ K.J. DOVER, *Greek Homosexuality* (London, 1978), 9-16, 51, 192.

²¹ D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Ancient Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (London, 1996) 127. Como referimos, opinião contrária tem D. LEITAO, «The Legend of the Sacred Band» in M.C. Nussbaum, J. Sihvola, eds., *The Sleep of Reason. Erotic Experience and Sexual Ethics in Ancient Greece and Rome* (Chicago/London, 2002), 143-169, que é céptico quanto à possibilidade de tal tipo de força militar ter existido.

portanto, segundo a qual o Batalhão se teria formado na sequência das reflexões de Platão, parece ser assim neutralizada, devendo ser rejeitada.

Por outras palavras, isso significa que o Batalhão Sagrado de Tebas não teria sido a aplicação prática e a experimentação de uma utopia, baseada na constituição de uma cidade defendida por um exército constituído por casais homossexuais. Esse batalhão de amantes e amados estaria ao serviço da unidade política e do amor pela liberdade, que seria partilhado por esse tipo de cidadãos. Tal utopia teria sido proposta por Platão, ao nível da sublimação de um ideal²², mas a sua concretização poder-se-ia considerar falhada aquando dos acontecimentos que deram corpo à batalha de Queroneia. Neste sentido, o passo de Plutarco relativo ao Batalhão poderia confirmar-se como um manifesto contra o homossexualismo, apesar das palavras que nele são atribuídas a Filipe da Macedónia, na linha do que já escrevemos acerca do autor²³. Mas o mais provável é que a dissertação platónica não vá além de uma reflexão teórica, derivada de uma proposta já de si posta em prática, dadas as suas origens em rituais iniciáticos comuns às culturas indo-europeias e acentuadas pela vivência militar, dominada pelo universo masculino, e que, eventualmente, pudesse vir a ser transformada em utopia²⁴. Isso confirma também que o filósofo da Academia estava atento às circunstâncias políticas do seu tempo, recolhendo delas o que considerava pertinente para a formulação da sua concepção de sociedade e cidade ideal, onde o homem tem um papel central. Platão teria, no entanto, desconhecido o desaire de Queroneia, que assinalaria o fim da sua utopia homofílica. Por outro lado, cremos ser legítimo questionar se tal insucesso não teria confirmado o seu carácter utópico.

Resta-nos salientar as leituras que têm vindo a relativizar as conclusões de H.I. Marrou, que durante décadas influenciaram a forma como os helenistas consideraram a questão da pederastia grega, relegando-a exclusivamente para o plano definido das relações entre o que se entende ser um *erastes* e um *eromenos*²⁵. Por outro lado, derivada desta problemática, há que salientar a questão da relação entre o homoerotismo e a vida militar, que parece ter estado particularmente presente na Grécia Antiga²⁶.

Impõe-se ainda uma outra problemática: em tal utopia, sugerida pela própria realidade, que seria a própria razão da sua existência, qual o lugar das mulheres? Que posição ocupariam estas nesta cidade imaginada como ideal? Por outro lado, se o amor homossexual não passa de uma sublimação utópica ideal, será esta uma questão de somenos no contexto platónico?

²² Ainda que pudesse remontar a outros autores, *e.g.* Zenão que associa o *eros* pederástico com a liberdade política, como nota D. LEITAO, «The Legend of the Sacred Band» in M.C. Nussbaum, J. Sihvola, eds., *The Sleep of Reason. Erotic Experience and Sexual Ethics in Ancient Greece and Rome* (Chicago/London, 2002), 162.

²³ Ver o nosso estudo «Plutarco e os “Amores Proibidos”» in J.-M^a. Nieto Ibáñez, R. López López, eds., *El Amor en Plutarco* (León, 2007), 525-541.

²⁴ Ver B. SERGENT, *Homosexualité et initiation chez les peuples indo-européens* (Paris, 1984); J. BREMMER, «An Enigmatic Indo-European Rite: Paederasty», *Arethusa* 13, 1980, 279-298. Algo de semelhante poderia ter-se passado com o universo teocrítico, igualmente utópico e homofílico.

²⁵ O texto de D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Ancient Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (London, 1996), 107-168, é nisso paradigmático ou até mesmo pioneiro.

²⁶ Mas não só, como mostram os casos das culturas céltica ou *viking*, por exemplo. Ver igualmente D. OGDEN, «Homosexuality and Warfare in Ancient Greece» in A.B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (London, 1996), 107 e bibliografia aí citada.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2009

